

# Voltaire Político:

## Espelhos para príncipes de um novo tempo

Por Renato Moscateli\*

\* Mestre em História Social pelo Programa Associado de Pós-Graduação em História UEM/UEL.

**A**pós a publicação de *Voltaire literário*<sup>1</sup> e *Voltaire historiador*<sup>2</sup>, o lançamento de *Voltaire político: espelhos para príncipes de um novo tempo*<sup>3</sup> vem completar a trilogia sobre as idéias do Príncipe das Luzes realizada por Marcos Antônio Lopes. Nesse último livro, Lopes retomou a trilha dos estudos sobre o século XVIII para abordar certos tópicos do que ele chama a “enciclopédia voltairiana”, propondo mais algumas reflexões acerca de seu conteúdo multifacetado, o que resultou em um trabalho bastante perspicaz e em uma contribuição significativa à História intelectual do período.

Logo no princípio de seu texto, Lopes apresenta uma questão crucial: como justificar a releitura de um clássico como Voltaire, cujos escritos tornaram-se verdadeiros monumentos intelectuais do Século das Luzes? Sempre que se tem por objetivo legitimar o estudo

<sup>1</sup> LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire literário: horizontes históricos*. São Paulo: Imaginário, 2000.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. *Voltaire historiador: Uma introdução ao pensamento histórico na época do Iluminismo*. Campinas: Papyrus, 2001.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. *Voltaire político: Espelhos para príncipes de um novo tempo*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

de um autor a quem já foi dedicado um grande volume de obras escritas por numerosos pesquisadores, uma solução bem simples parece ser a de recorrer à tradição, como se um tema por ela consagrado fosse justificado em si mesmo e por si mesmo. Todavia, é preciso reconhecer que o pesquisador pode aprender muito mais questionando as razões da tradição do que simplesmente reafirmando-a, de modo que esses monumentos intelectuais têm de ser abordados com olhos críticos, ou seja, deve-se colocar a tradição que os consagra no foco da análise. Sabendo disso, Lopes não apenas afirma a necessidade de se dar a atenção adequada a um aspecto essencial da obra voltairiana – sua vertente política, especialmente no tocante a sua concepção da realeza do Antigo Regime –, mas também que a tradição que sustenta um tema clássico como esse precisa ser igualmente um objeto de estudo, a fim de que uma nova visão sobre o assunto seja proposta.

Em seus livros anteriores Lopes já havia ressaltado que um dos elementos que mais chamava a atenção de Voltaire era a natureza do poder, isto é, da autoridade exercida pelos governantes. Segundo ele, nas representações do político gravadas pelo escritor francês em suas obras literárias, a realeza continua ocupando um papel central. “Para quem lê os contos voltairianos”, escreve Lopes, “fica clara a impressão de que, como o século XVII, o século XVIII continuou sendo o século dos príncipes, apesar de ter sido também o século dos filósofos.”<sup>4</sup> Ao discutir a cultura política do Antigo Regime, Lopes mostra como a monarquia francesa aparece na literatura de Voltaire disfarçada sob diversos nomes para poder ser devidamente criticada e comparada às instituições políticas de outros povos. Em se tratando da atividade de Voltaire como historiador, Lopes demonstrou que embora o autor tenha delineado um projeto – às vezes apenas restrito à teoria, outras vezes efetivado com resultados importantes para o período – de atingir um nível mais profundo de compreensão da ação humana na passagem do tempo, o impulso inovador de seu pensamento não o impediu de

---

<sup>4</sup> LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire literário*, p. 63.

retomar temas e questões tradicionais, como as realizações políticas e as guerras. Entretanto, Voltaire não se limitou de modo algum a fazer uma mera crônica da realeza, mas, de acordo com Lopes, escreveu suas obras a partir de dois princípios interligados e igualmente importantes: “o espaço de ação do soberano na história e a busca contínua da paz e da prosperidade.”<sup>5</sup>

Essas considerações acabam impondo uma nova questão: afinal, por que os monarcas assumiam um papel tão decisivo aos olhos de Voltaire? Segundo Lopes, isso era uma decorrência do próprio pensamento histórico do escritor, que se sentia atraído pela realeza, uma vez que, para ele, o trono aparecia como um espaço estratégico de ação, ou seja, o teatro dos grandes eventos: “Daí partem as deliberações que movimentam os homens e, portanto, fazem a história.”<sup>6</sup> Desse modo, os reis surgem em seus textos na qualidade de agentes maiores da prosperidade ou da ruína dos povos, na medida em que o bom ou o mau exercício de seu poder é a chave para o futuro de seus governados. Certamente, Voltaire não acreditava nas tradições que propunham a união sobrenatural entre o soberano e seu reino, como se ambos compartilhassem de um mesmo corpo místico,<sup>7</sup> mas ele não negava que seus destinos estavam intimamente relacionados. Como monarquista convicto, o *philosophe* pensava que a manutenção da ordem social e política graças ao pulso firme de um grande rei era uma condição primária para o progresso do povo. Comparada a de outros importantes pensadores do século XVIII, Montesquieu e Rousseau entre eles, a posição intelectual de Voltaire pode parecer anacrônica tendo em vista a sua defesa da autoridade real. Entretanto, como Lopes salienta bem, as coisas não são assim tão simples, pois o monarquismo foi uma marca essencial de todo o século XVIII, apesar da Revolução Francesa, e continuou sendo uma característica da maior parte

---

<sup>5</sup> LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire historiador*, p. 22.

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_. *Voltaire político*, p. 85.

<sup>7</sup> Ver APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. *O rei-máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV*. Trad. Claudio Cesar Santoro. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

do século XIX europeu. Por isso, as idéias de Voltaire acerca da realeza o tornam um autor representativo dos valores culturais do Antigo Regime.

O que torna esse novo trabalho de Lopes interessante é justamente o empenho em ressaltar certas facetas dessa ligação do pensamento de Voltaire com a cultura política do Antigo Regime que não costumam ser lembradas, ou seja, aqueles aspectos que podem incluir a obra do escritor francês na longa e antiga tradição dos espelhos de príncipes. Um espelho de príncipe, em suma, é um texto de aconselhamento moral dos reis, um tratado que define qual deve ser a conduta dos soberanos para que eles possam realizar um bom governo. “Na cultura cristã ocidental, os espelhos de príncipes foram tradicionalmente livros de moral, que usavam a história para ensinar o comportamento adequado aos reis, tanto em seu ofício público quanto em sua vida privada (...). Essa literatura fazia parte da educação dos príncipes em toda a Europa. Desde a infância, eles ouviam as leituras de livros dessa natureza, feitas por seus preceptores ou por pessoas designadas por estes para essa tarefa.”<sup>8</sup> As origens mais remotas do gênero remontam à Antigüidade gregoromana, mas foi na Idade Média que ele assumiu uma forma definida, trazendo em seu interior um rol de virtudes, extraídas principalmente do cristianismo, tais como essenciais na formação dos governantes, tais como a caridade, a prudência e a temperança. Nos primeiros séculos da era moderna, contudo, os espelhos de príncipes começaram a declinar em seu formato clássico, ainda que algumas de suas características tenham permanecido vivas em outros tipos de produção textual. Durante a época do reinado de Luís XIV, já na segunda metade do século XVII, essas características podem ser encontradas nos escritos políticos de membros do clero, bem como nas obras dos memorialistas da corte ou nos textos dos historiógrafos e dos panegiristas a serviço da aristocracia. Portanto, a França do chamado Século das Luzes não estava distante da tradição literária dos *miroirs des princes*, e Voltaire, como um

---

<sup>8</sup> LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire político*. p. 50-51.

escritor que começou sua carreira buscando nos modelos clássicos sua fonte de inspiração,<sup>9</sup> não apenas tomou contato com ela, como a incorporou, a seu modo, nos textos que produziu.

De fato, Lopes encontrou nos escritos voltairianos um objetivo bastante tenaz de indicar aos reis os caminhos da boa política. Em suas obras ele inseriu lições ousadas que procurou ensinar por meio de críticas reiteradas aos indivíduos que fizeram mau uso de sua autoridade, bem como tecendo elogios às atitudes louváveis dos príncipes que se aproximaram de seu ideal de governante. Quando escreveu sobre a história de pessoas como o rei sueco Carlos XII ou o imperador russo Pedro, o Grande, Voltaire tinha em mira instruir seus leitores lançando mão de exemplos concretos capazes de expor quais condutas deveriam ser evitadas ou imitadas. Entretanto, não se deve supor que o *philosophe* avaliava tais exemplos seguindo os mesmos critérios que seus antecessores medievais. Em sua leitura dos textos de Voltaire como espelhos de príncipes, Lopes deixa claro que o autor quis delinear uma nova configuração do papel do rei, uma configuração tal que lhe permitisse promover a prosperidade do reino e incentivar os valores civilizacionais propostos pela filosofia das Luzes. Voltaire reformulou o gênero literário para transmitir ao monarca um ideal moderno de conduta:

*Se ele [Voltaire] maneja as quatro virtudes cardeais – sabedoria (ou prudência), justiça (ou equidade), coragem (ou bravura), temperança (ou moderação) – e as diversas virtudes principescas –, magnanimidade, clemência, honra, glória, modéstia, magnificência –, ele apenas o faz de maneira diferente dos autores dos séculos XVI e XVII (...). Nas obras históricas de Voltaire, as virtudes morais do príncipe encontram-se dissociadas da religião, e podem traduzir-se por ímpeto, por força que magnetiza a história, uma poderosa vontade em realizar a paz e o bem-estar públicos de uma nação<sup>10</sup>.*

<sup>9</sup> Ver LEPAPE, Pierre. *Voltaire: Nascimento dos intelectuais no Século das Luzes*. Trad. Mário Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

<sup>10</sup> LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire político*, p. 58.

Assim, Voltaire definia as virtudes que seriam próprias de um bom governante em função do auxílio que elas poderiam prestar à eficácia e à força de suas ações. Dentre tais virtudes, as principais seriam a justiça, a prodigalidade, a magnificência, a operosidade, a sabedoria e a tolerância, enquanto entre os vícios condenáveis na personalidade do rei estariam a irascibilidade, a imprudência, o esbanjamento e a covardia. Graças à elaboração dessa “ética aos monarcas”, Voltaire tornou-se “um autêntico pedagogo político”<sup>11</sup>, cuja meta era esclarecer a realeza para que ela agisse com excelência na qualidade de verdadeira agente da civilização.

O texto de Lopes discute longamente a avaliação feita por Voltaire da capacidade de certos reis, como os mencionados acima, de realmente promover a grandeza de seus domínios. Na *História de Carlos XII* e na *História da Rússia*, o autor retoma o modelo das vidas paralelas para comparar as trajetórias de dois monarcas que se destacaram pela amplitude de suas realizações, mas que podem ser opostos em razão de suas qualidades. Para Voltaire, Carlos XII viveu como um grande guerreiro cujos sucessos militares foram assombrosos. Contudo, é exatamente por ter transformado a guerra em sua maior preocupação que esse “rei-soldado” não pôde cumprir seu papel civilizador. Pedro, o Grande, por sua vez, é descrito como alguém que cultivou a sabedoria e que procurou retirar a Rússia do atraso em que se encontrava frente às outras nações da Europa. Apesar de seus vícios pessoais, o imperador foi um “obreiro incansável” em seus esforços para construir um país próspero e moderno, um “príncipe-arquiteto” responsável pela reforma de seu povo. Por tudo isso, diz Lopes, Carlos XII aparece nos textos de Voltaire como um contra-modelo, ao passo que a vida de Pedro, o Grande, é exposta como um espelho para os príncipes de uma era mais esclarecida.

Decididamente, Voltaire não poderia ter deixado de tratar também dos monarcas de sua terra natal. Os soberanos franceses Carlos Magno, Felipe Augusto ou Luís IX, cada um a seu tempo, haviam sido considerados paradigmas da realeza, mas Voltaire não parece

---

<sup>11</sup> *Id., ib.*, p. 60.

ter encontrado nesses homens da Idade Média os méritos necessários para incluí-los em sua seleta lista de grandes soberanos. Uma das principais razões dessa escolha feita pelo escritor estava na apreciação que nutria por sua própria época, vista por ele, assim como por muitos outros contemporâneos, como um momento especial da história no qual o gênero humano dava passos largos em direção a seu aprimoramento. Existia então a chamada “Querela entre os Antigos e os Modernos” que opunha os filósofos e artistas defensores da imitação dos modelos clássicos - os Antigos - àqueles que acreditavam no potencial singular de seu próprio tempo de criar novas e melhores formas de arte e filosofia<sup>12</sup>. A disputa representa um marco na História das idéias: ela “assinala o início do conflito entre a tradição e o progresso, o classicismo e o modernismo, o racionalismo e o emocionalismo”<sup>13</sup>. No século XVIII, a corrente dos Modernos foi ganhando cada vez mais força, levando a que as realizações da Antigüidade já não fossem mais considerados superiores e insuperáveis; ao contrário, eram os feitos da civilização moderna que ganhavam os maiores elogios. Por conseguinte, explica Lopes, os reis que Voltaire exaltou acima de todos os outros são aqueles que viveram mais próximos a essa Europa renovada e que teriam contribuído para a gênese das condições necessárias ao desenvolvimento do ideal da perfectibilidade humana. Entre eles o nome de Henrique IV se sobressai, uma vez que Voltaire louva nele não apenas sua coragem e determinação, mas, sobretudo, o fato de ter dado voz à tolerância quando proclamou o Editto de Nantes e concedeu aos protestantes a liberdade de culto. Ele retirou o reino da discórdia, conteve “as brechas da França e o sangue derramado durante quase quarenta anos de guerras civis e de fanatismo”<sup>14</sup>, ações que o tornam um digno representante das virtudes principescas exaltadas por Voltaire.

---

<sup>12</sup> Para uma análise mais detalhada da *Querelle* ver BAUMER, Franklin L. O pensamento europeu moderno: séculos XVII e XVIII. Trad. Maria Manuela Alberty. Lisboa: Edições 70, 1990.

<sup>13</sup> HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 500.

<sup>14</sup> Voltaire, citado por LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire político*, p. 55.

Ainda a respeito da “Querela”, Lopes diz que é preciso ter em mente que o núcleo vital dos debates na França estava em provar que o século de Luís XIV era maior do que o século de Augusto. Voltaire não se furtou a participar da controvérsia, e assumiu com firmeza o partido do rei francês, que sem dúvida lhe parecia ter sido o maior de todos. Segundo Lopes, “Em *O Século de Luís XIV* e em outros textos de Voltaire, sejam eles históricos sejam literários, Luís XIV surge como o herói de uma única face, louvado e incensado como príncipe moderno e homem muito acima de seu tempo. Sua dimensão arcaica, bárbara, guerreira, não somente é calculadamente reduzida e escamoteada pelos subterfúgios mais inacreditáveis, mas ainda coberta e justificada por suas realizações.”<sup>15</sup> Esse rei é descrito como um grande incentivador das artes e das ciências, um governante dotado de sabedoria e de espírito de justiça que o capacitaram a fazer o bem com conhecimento de causa, em suma, um verdadeiro “herói civilizador” “no tempo em que o progresso passou a representar o sentido da história”.<sup>16</sup> Na concepção de Voltaire, as glórias obtidas durante o reinado de Luís XIV ofuscavam as máculas de seus erros, e quanto a isto Lopes adverte que não se deve subestimar a admiração que o escritor nutriu pelo monarca. Se Luís XIV promoveu, de fato, a cultura e premiou os sábios, ele foi incapaz para dar a seus súditos as condições concretas de prosperidade econômica e de liberdade em matéria de política e religião, algo que Voltaire não quis salientar como poderia, embora não tenha conseguido livrar as ações do soberano francês de todas as suas contradições. Sua idolatria pelo “Grande Rei” o fez delinear uma imagem na qual os outros príncipes deviam se inspirar, contribuindo desse modo para a criação do mito do “Rei-Sol” que perdurou para além da morte do próprio Luís XIV. Lopes observa, no entanto, que mesmo esse governante não foi considerado por Voltaire como o modelo definitivo e acabado para a realeza. “Em suas obras históricas, não há um ‘protótipo’ que condense em si o que poderia afigurar-se como o conjunto completo das virtudes,

---

<sup>15</sup> *Id., ib.*, p. 117.

<sup>16</sup> *Id., ib.*, p. 111.

conjunto este suficiente para conferir-lhe o grau de príncipe perfeito. Seus maiores príncipes se aproximam de uma condição de perfectibilidade relativa, contrabalançada por seus vícios.”<sup>17</sup> Afinal de contas, até para as cabeças coroadas a perfeição é um ideal muito difícil de ser atingido.

Carlos XII, Pedro, o Grande, Henrique IV, Luís XIV. Ao tornar esses indivíduos excepcionais personagens de seus textos, Voltaire colocou seus vícios e virtudes em exposição pública imbuído do desejo de ensinar aos reis novas lições da arte de governar, dando assim continuidade à antiga linhagem dos espelhos de príncipes. Ora, foi dito no início que era preciso transformar a tradição em objeto de estudo, e Lopes teve o mérito de fazê-lo muito bem ao questionar as tradições interpretativas dos escritos de Voltaire. A obra desse pensador francês, uma verdadeira enciclopédia literária, histórica e filosófica na qual as vias da Modernidade se cruzam com velhos caminhos do Antigo Regime, permitiu a Lopes realizar um estudo original exatamente por ter escavado algumas das raízes mais profundas do pensamento político na Era das Luzes. Seu livro é uma afirmação de que a História intelectual não precisa se limitar a reiterar a importância dos clássicos, e sim que ela pode e deve continuar interpelando de forma crítica idéias que, muitas vezes, parecem já suficientemente discutidas. ■

---

<sup>17</sup> *Id., ib.*, p. 111-112.